

Release

Estudo evidencia um saber desenvolvido por jornalistas na produção de biografias como reportagem

Ruy Bucar 606 MTB –GO

Estudo realizado pela jornalista Karine Moura Vieira, doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos evidencia que a preferência do mercado editorial por jornalistas para a produção de biografias levou ao desenvolvimento de um saber próprio, com base na experiência profissional, que garante não apenas sucesso ao gênero, mas também a consolidação de um novo campo de trabalho jornalístico que tem a reportagem como modelo inspirador.

“Do burburinho da redação para a solidão de um escritório, uma sala ou até o quarto da filha. Dos centímetros/columnas dos jornais e revistas para as centenas de páginas de um livro. Do *deadline* de algumas horas, dias, no máximo meses, para prazos largos de três, cinco, nove, quinze anos, ou mesmo uma vida inteira. Em comum, um mesmo interesse: gente, vidas, histórias de vida”, destaca a autora ao relatar a travessia vivida pelos jornalistas que trocaram a redação pela produção de biografias.

O trabalho é resultado de reflexões desenvolvidas a partir da tese “Do fazer um saber: a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros”, defendida em 2015 no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e se debruça sobre a constituição dos jornalistas como sujeitos do biográfico. A partir dos discursos

das suas práticas enquanto autores de biografias, Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães e Regina Zappa refletem sobre a processualidade do biografar, a circulação de saberes e a construção do seu status de autoria.

O estudo revela que os jornalistas foram responsáveis por tirar este gênero do ostracismo em que vivia e aponta o início dos anos 80 como o período da virada. *Morte no Paraíso, a tragédia de Albert Zweig*, que narra a trajetória fascinante do escritor austríaco que viveu no Brasil, obra do conceituado jornalista Alberto Dines, marca o início deste processo que se renovou e a cada dia tem ganhado novos adeptos. São clássicos do gênero *Chatô, o Rei do Brasil*, de Fernando Morais; *Estrela Solitária, um brasileiro chamado Garrincha*, de Ruy Castro; *Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães, dentre outros.

“Esse movimento evolutivo do biografismo brasileiro na contemporaneidade revelado nos percursos desses jornalistas, nos seus deslocamentos da redação para a escrita de livros e os seus aprendizados uns com os outros, evidenciam a construção de uma episteme, um conhecimento instituído no aprendizado pela experiência de um jornalista para o outro, pelas obras, pela colaboração como pesquisadores para as mesmas, pelos diálogos, pelas trocas”, observa a pesquisadora concluindo que “biografar é hoje um trabalho jornalístico dentro do campo de produção do jornalismo, assim como o trabalho em redações”.

A pesquisadora alude que as falas dos jornalistas apresentam dois pontos importantes: a posição de autoria e o atravessamento de campos na biografia com a intersecção entre o jornalismo, a história e a literatura. Ela explica que a construção desse saber do biografar por esse grupo de jornalistas revela uma noção de “autorialidade” que remete ao conceito de Dominique Maingueneau em seu trabalho de análise do discurso. “Pensando no dimensionamento proposto por Maingueneau (2010) para conformar o conceito



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

de autor, esses jornalistas exemplificam a terceira instância, o "auctor", na processualidade da sua formação como biógrafos."

A autora aponta que a contribuição desses jornalistas, mais do que evidenciar a reportagem como uma narrativa no biográfico, é a sustentação do gênero para os leitores na contemporaneidade, em uma experiência de tessitura narrativa renovada, arejada, *fresca* como diz Dines. "Uma renovação também e, eu diria, principalmente, para o jornalismo, como um novo espaço de escrita e investigação", acrescenta a autora concluindo que o amálgama está no entremeio, no atravessamento, na intersecção do que o jornalismo contribui para a biografia e no que a biografia contribui para o jornalismo.

"As conversas com Mário Magalhães, Regina Zappa, Alberto Dines e Lira Neto revelaram uma referencialidade entre os biógrafos. Uma troca de saberes e inspirações compartilhada por uma mesma noção de pertencimento, o jornalismo", conclui.

Como citar a pesquisa

VIEIRA, Karine Moura. SUJEITOS DO BIOGRÁFICO: jornalistas e a construção do status de autoria na produção da biografia como reportagem. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 418-436, jan. 2018. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4602>>. Acesso em: (data de acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p418>.